42º CONGRESSO DA FEDERAÇÃO INTERNACIONAL FÉ E ALEGRIA

A ESPIRITUALIDADE INACIANA ILUMINA A ESPIRITUALIDADE DE FÉ E ALEGRIA

P. Ernesto Cavassa, S.J.
Presidente da Conferência de
Provinciais Jesuítas da América Latina

A raiz de uma espiritualidade é uma ´experiência fundante´ de encontro com Deus por meio de Jesus. Assim contam os Evangelhos. Assim o vive Inácio. Assim o manifesta o P. Vélaz ao fundar Fé e Alegria. Essa experiência é, por definição, encarnada e apostólica: dá-se em determinadas condições sociais e culturais e se projeta em outras. Fé e Alegria é uma expressão concreta disto. A pergunta fundamental é: Como manter hoje o vigor desta ´experiência fundante´? Neste sentido, a espiritualidade de Fé e Alegria se entende no interior da espiritualidade inaciana e, ao mesmo tempo, esta a convida de forma permanente a ser fonte geradora de novas experiências de Deus.

Começando com um testemunho de conversão:

Narciso Yépez, instrumentista espanhol de guitarra clássica.

E...Deus gosta da sua música?

Ele adora! Mais do que a minha música, o que ele gosta é que eu lhe dedique a minha atenção, a minha sensibilidade, o meu esforço, a minha arte..., o meu trabalho. E, além disso, certamente, tocar um instrumento da melhor forma que souber, e ser consciente da presença de Deus, é uma forma maravilhosa de rezar, de orar. Tenho experimentado bem isso.

Desculpe pela piada, Yépez: é preciso que você atue para um espectador divino; mas, se ao artista em plena apresentação ´lhe dá um branco´, o público pode pensar que está exagerando...

Não! Eu toco com os pés bem no chão! Sou consciente de que há um diálogo mudo, uma corrente mútua de energia que passa de mim para o público e do público para mim. Quando se tem a alma cheia de fé e de amor, produz-se necessariamente essa comunicação. Não dás notas, dás... todo um mundo de evocações, de ideias e de emoções que estão entre as notas, na tua mente, no teu coração e nas pontas de teus dedos. Dás... atua vida interior. Ao espectador da poltrona e ao que está lá em cima, ao mesmo tempo.

Você sempre teve esta fé religiosa que tem hoje?

Não. Minha vida de cristão teve um grande parêntese vazio, que durou um quarto de século. Batizaram-me ao nascer e já não recebi uma única noção que ilustrasse e alimentasse minha fé... Conto-lhe que comunguei pela primeira vez aos vinte e cinco anos! Desde 1927 até 1951, eu não praticava, nem acreditava, nem me preocupava o mínimo com a existência ou não de uma vida espiritual, de uma transcendência e de um além. Deus não contava na minha existência. Mas... logo pude saber que eu sempre havia sido levado em conta por Ele. Foi uma conversa súbita, repentina, inesperada... e muito simples. Eu estava em Paris, passando por uma ponte do Sena, vendo a água correr. Era de manhã. Dia 18 de maio, mais precisamente. De repente o escutei dentro de mim... Quem sabe já tinha me chamado em outras ocasiões, mas eu não lhe havia ouvido. Aquele dia eu estava com «a porta aberta»... E Deus pôde entrar. Não apenas me fez ouvi-lo, mas entrou plenamente e para sempre na minha vida.

Uma conversão ao estilo de Paul Claudel, de André Frossard... de São Paulo?

Ah..., suponho que Deus não se repete! Cada homem é um projeto divino distinto e único; e para cada homem Deus tem um caminho próprio, momentos e uns pontos de encontro, umas graças e umas exigências... E todo chamado é único na história...

Você diz que ´ouviu´, que ´se fez ouvir´..., devo entender, Narciso, que você, ali junto do Sena, ´ouviu´ palavras?

Sim, claro. Foi uma pergunta, aparentemente muito simples: ´O que você está fazendo´? Nesse instante, tudo mudou para mim. Senti a necessidade de perguntar-me por que vivia, para quem vivia... Minha resposta foi imediata. Entrei na igreja mais próxima, Saint Julian le Pauvre. E falei com um sacerdote durante três horas... É curioso, porque o meu desconhecimento era tamanho que nem me dei conta de que se tratava de uma igreja ortodoxa. A partir deste dia procurei instrução religiosa, católica. Não me esqueci de que tinha sido batizado. Tinha uma fé adormecida...e ela despertou. E desde aquele momento nunca mais deixei de saber que sou uma criatura de Deus, filho de Deus... Um homem com um compromisso de eternidade que vai sendo tecido e caminhando desde aqui, na companhia de Deus. Assim como até então Deus não contava para nada na minha vida, a partir daquele instante não há nada na minha vida, nem o

mais trivial, nem o mais sério, que eu não conte com Deus. Seja no que é alegre e no que é doloroso, no sucesso, no trabalho, na vida familiar, num pesar profundo como ser chamado pela Guarda Civil à meia noite para dizer que o teu filho está morto...

Essa notícia, essa perda, não te levou a confrontar-se com Deus e... a pedir-lhe explicações? Você aceitou com firmeza?

Pedir-lhe explicações? Por que eu faria isso? Senti e continuo sentindo toda a dor que você possa imaginar... e mais. Mas sei que a vida do meu filho Juan da Cruz estava amorosamente nas mãos de Deus... E agora está ainda com mais plenitude e felicidade. Por outro lado, Pilar, quando se vive com fé, e da fé, se entende melhor o mistério da dor humana. A dor aproxima à intimidade de Deus. É... uma predileção, uma confiança de Deus para com o homem. (Extraído da entrevista concedida a Pilar Urbano, publicada no número 149 da revista Época, em janeiro de 1988).

Os convertidos e os mártires são as grandes testemunhas da atualidade. Abrem-nos o caminho para que possamos entender o que é espiritualidade.

I. ESPIRITUALIDADE

O que entender por **espiritualidade**? Benjamín González Buelta a considera uma palavra *´perigosa´ (*em *´Onde acaba o asfalto´)*. É muito possível que ao buscá-la na internet apareça a espiritualidade vinculada aos ´espíritos´, aos quais podemos ter acesso por meio de rituais e técnicas para conseguir determinados favores. Nas prateleiras das livrarias, é possível encontrar livros de espiritualidade cristã em meio a um conjunto de outros livros que têm a ver com curas, técnicas de auto ajuda e com uma miscelânea de esoterismo de diferente (e às vezes duvidosa) procedência. Não faltam motivos a José María Castillo quando diz que´espiritualidade´ é hoje um *´conceito pobre e empobrecido´* (em *Repensar a espiritualidade a partir do Reino de Deus).*

O Documento Base (DB) nn. 48-49 mostra essas dificuldades, fazendo uns **primeiros deslindes** com o uso corrente de espiritualidade que, a partir da contraposição espírito-matéria própria do pensamento grego, a situa no reino das atividades mais propriamente religiosas, desvinculadas da atuação cotidiana, reservada a tempos e espaços particulares. Dizer que alguém é ´muito espiritual´ pode ser um elogio ou pode colocá-lo nas nuvens: é alguém que não se inteira do que se passa no concreto, a quem constantemente ´dá um branco´. Neste sentido, embora presente na linguagem comum, não é uma boa abordagem do tema, mas ajuda a perceber que este não é fácil e que pode ser um equívoco. O DB n.48 adverte sobre este uso diverso, contraditório e até manipulador do conceito de espiritualidade presente no mundo de hoje.

Neste resultado, a **teologia** teve também sua parte de responsabilidade ao separar, desde a Idade Média, a teologia, moral e espiritualidade, encurralando-a, como diz Vilanova (em Para compreender *a teologia*), no ginásio da ascética e da mística. Este tratamento da espiritualidade se agrava ainda mais pelo seu distanciamento das fontes bíblicas. A espiritualidade cristã assume os valores do mundo helênico: o exercício da virtude substitui o seguimento de Jesus e seu anúncio do Reino.

Faz-se então necessário **recuperar a espiritualidade para a vida cristã.** Por isso, o DB nn.49-51 remete à concepção hebraica de *´ruah´*, espírito, como aquele que sustenta a vida, que a mobiliza, que se encontra dentro dela, alimentando-a e vivificando-a de forma permanente. *´O espírito não é outra vida, mas o melhor da vida, o que lhe dá vigor, a sustenta e impulsiona ´e´ Espiritualidade é comunhão com Deus, com os irmãos e com a natureza. A espiritualidade está centrada no reino de Deus – não importa o seu nome – ou seja, alimenta-se de um Deus que apenas busca e quer uma humanidade mais justa e mais feliz, e tem como centro e tarefa decisiva construir uma vida mais humana´.*

´A espiritualidade de que falamos é muito diferente. Acreditamos que o espírito humano de todas as pessoas está aberto ao encontro e ao diálogo personalizado com Deus... no cristianismo essa ***experiência de transcendência*** *se vincula à relação com um Deus revelado por Jesus de Nazaré como único Pai de muitos irmãos´,* declara Benjamín González Buelta. A espiritualidade, então, é antes de tudo, uma ´experiência de transcendência´. Na realidade, não existe espiritualidade que não se baseie em uma experiência. Essa experiência é a que marcou a vida de Narciso Yépez, cujo testemunho inicia esta apresentação. Essas experiências são os sinais que nos indicam o caminho para compreender melhor do que falamos quando falamos de espiritualidade.

Pois bem, **experiência** é um conceito difícil, especialmente quando se aplica ao campo religioso. A modernidade, ao exaltar o conhecimento científico, reduziu a experiência ao comprovável e tangível (ao experimento) e deixou de lado, por ser vazia e subjetiva, a experiência religiosa. E, no entanto, *´é provavelmente certo que a experiência é o elemento mais radical do fenômeno religioso, mas esse fenômeno não é vivido em estado puro por nenhum sujeito, mas se inscreve no interior de um dado religioso que comporta toda uma série de mediações que influem na experiência que cada sujeito pode fazer ´(*José Morales*, A experiência de Deus).*

Experiências fundantes:

No amplíssimo leque das experiências humanas, ressaltam umas poucas que podemos denominar como ´**experiências fundantes**´ porque supõem uma transformação que marca a direção de uma vida. Como sinaliza o Cardeal Newman: *´quem teve uma visão nunca volta a ser como antes´.*

As experiências de ´conversão´ são paradigmas deste tipo de experiências, como vimos em Narciso Yépez. Manuel García Morente, intelectual e acadêmico, falava a propósito de sua conversão: *´o edifício de minhas crenças e certezas continua sendo o mesmo; o que acontece é que eu me afastei de lá´.*

Dizer´experiênciasfundantes´ é falar daquele tipo particular de experiências nas quais se forjam um novo estilo de vida, uma nova forma de viver, sentir e pensar. São **experiências básicas**, que marcam a vida de uma pessoa, mas também de uma coletividade. Os processos independentistas se constituíram como experiências fundantes dos nossos atuais países que estão celebrando hoje o bicentenário. Às vezes, essa experiência acontece de forma muito pouco visível, como dar aulas a crianças pobres em um bairro da cidade de Caracas. Somente hoje, com o passar dos anos, identificamos aí a experiência fundante do movimento Fé e Alegria.

Toda experiência acontece no interior de umas coordenadas socioculturais que lhe trazem **institucionalidade** e cuja maior expressão é a l**inguagem**. Também as ´experiências fundantes´. A cultura dos elementos básicos para interpretar a experiência. Na realidade, toda experiência é uma experiência interpretada a partir da linguagem. Uma linguagem total: não apenas verbal, mas também a não-verbal, de gestos, icônica. Os modismos e a gíria são muitas vezes a melhor expressão do modo de ser de uma cultura pela dificuldade em serem traduzidos para outros idiomas. As experiências fundantes, no entanto, têm um adicional: são, além disso, **experiências ´intérprete´**, criam nova linguagem, trazem claves para uma nova interpretação do real. O aparecimento, por exemplo, da Companhia de Jesus significou um modo de viver a vida consagrada na Igreja, diferente da monástica, até então inexistente. Esse ´viver ao modo dos Apóstolos´ veio acompanhado de uma nova linguagem que alguns dos aforismos jesuíticos colocam como: ´nossa casa é o mundo´, ´discorrer com os pés ´, ´contemplativos na ação ´. Nesta nova linguagem entram também a ausência de coro, a gratuidade de ministérios ou o não uso do hábito. Tudo isto conforma um ´modo de proceder´ novo dentro da Igreja.

As experiências fundantes têm a capacidade de ampliar as fronteiras da pessoa, de uma cultura, da vida religiosa, da educação... possibilitando novas práticas e novas compreensões do mundo até então inéditas. Na realidade, são experiências com uma **extraordinária produtividade histórica**. Quanto mais profundas, mais capazes de produzir sentido para grupos mais amplos e com mais possibilidades de perdurar na história. Na medida em que se toma consciência delas, são vividas como ´novas´ e ´diferentes´ da tradição de experiências experimentadas até então vistas como ´normais´ e ´naturais´. A ´novidade´ da experiência implica a crítica desta tradição, mas não necessariamente uma ruptura. Pelo contrário, esta ´experiência fundante´ será tanto mais válida quanto for vivida como **´fidelidade criativa´**dessa mesma tradição. Chris Lowneyse pergunta: por que a Companhia sobreviveu 500 anos

e muitas empresas e corporações multinacionais desaparecem em menos de um século? A resposta deverá ser buscada nesta criatividade que se mantém fiel ao núcleo da própria tradição.

A ´experiência fundante´ possui **três características** fundamentais:

a) é **global**: compromete a totalidade e a profundidade da experiência humana. Não afeta apenas o modo de pensar. Na realidade, reordena nosso modo de estar no mundo, a relação com a natureza, com os outros homens e com o próprio sujeito que a vive. São existenciais no sentido mais pleno.
b) é **dialética**: enquanto experiência singular e irrepetível, espacio-temporalmente localizada, vai mostrando uma especificidade que a faz distinguir-se cada vez mais do conjunto de experiências anteriores que conformam a vida do sujeito pessoal ou coletivo. Esse caráter ´diferencial´lhe permite interpretar a totalidade do mundo ao mesmo tempo em que se afirma frente a ele precisamente como básico ou fundante. Por isso, tem também um caráter de ´abertura´: apresenta novos horizontes de ação, até então inexplorados ou inimagináveis.
c) é **histórica**: de um lado, tem uma origem, vinculada a um conjunto de situações e de relações; por outro, é capaz de perdurar na história, abrindo nela possibilidades de sentido.

Quando falamos de espiritualidade remetemo-nos necessariamente a uma ´experiência fundante´, vinculada à vida e à ação de algumas ´**testemunhas** ´ **portadoras do espírito** dessa experiência (o que normalmente denominamos ´carisma´) que, no transcurso do tempo, vai derivar em uma institucionalidade. Em um segundo sentido, espiritualidade é também´o *campo da teologia que, baseada nos princípios da revelação, estuda a experiência espiritual cristã, descreve o seu desenvolvimento progressivo e permite conhecer suas estruturas e suas leis* ´(Charles Bernard, 1994).

Se é assim, a espiritualidade cristã consistirá então em ´ser habitados pelo Espírito de Deus´, de tal forma que esta ´presença´ se converte em experiência fundante para o cristão. Por isso, Benjamín González Buelta diz que *´Jesus viveu a verdadeira espiritualidade, porque sentiu e atuou de acordo com o Espírito no meio do seu povo, em plena solidariedade com ele* ´(ib). Portanto, mais que de espiritualidade, teríamos de falar de ´viver no espírito´, ´já que o Espírito de Deus habita em vós´ (Rom 8,9; cfr. todo o capítulo). O perigo maior é, como nos recorda Paulo, extinguir o Espírito (cfr. 1 Tes 5, 19).

1. A revelação

A vivência paradigmática deste tipo de experiências é o encontro com Jesus. Para os primeiros discípulos, **tudo começou com um encontro**, tão significativo que ´ficaram com ele aquele dia´ (Jo 1,39). Porque tocou suas expectativas mais profundas, este encontro abre para esses homens uma nova

história: entre eles corre a voz de terem se encontrado com alguém surpreendente e inesperado (´encontramos o Messias´, diz Jo. 1,41). A partir desse momento, Jesus começa a ser um ponto de referência em suas vidas (´deixando tudo, o seguiram´ dirá Lc 5,11). Em virtude deste encontro, a vida desses homens adquiriu um novo sentido. Compartilhar com Jesus lhes abriu uns horizontes que conseguiram começar a entender após o mistério pascal. Só então podem captar que a resposta correspondente com tal encontro não pode ser outra que não a do amor (1Jo. 3,11), a da solidariedade com o necessitado (Tg. 2, 15ss.), a proclamação prazerosa da feliz descoberta da pérola e do tesouro (Mt 13, 44-46) vivido como Boa Nova (1 Cor 9,16) e em louvor ao Pai (1 Cor 1,4).

O que captaram em Jesus? Três características fundamentais: sua lucidez, sua liberdade, sua compaixão com os mais necessitados. Só Jesus tem palavras de vida eterna. Ele é livre frente a todos, tem compaixão das multidões que caminham como ovelhas sem pastor. Pouco a pouco vão captando também que, por trás dessas características, existe um **vínculo fundamental**: a relação com o Abba, o Papai-Deus. Essa é a grande heresia de Jesus que lhe vai custar a vida: ´chamava Deus como o seu próprio Pai, tornando-se igual a Deus´ (Jo. 5,18).

O mais interessante em todo este processo é que a iniciativa não é dos discípulos – os evangelistas se esmeram em dizer que não entendiam muito o que estava acontecendo –, mas do Pai-Deus. Há sempre um ator maior em todo o processo que é referência na vida de Jesus e por isso, igualmente para os seus seguidores. O Evangelho de João é o grande testemunho do que vai significar Deus para a vida da comunidade cristã, expressado pelo Espírito: ele explicará tudo, quando Jesus já não estiver presente. Nos Atos, será o guia da primeira comunidade, atua com ela (o Espírito Santo e nós...). O Espírito Santo, em Paulo, é o que constrói a comunidade, conhece-nos por dentro, orienta os nossos passos. A partir desta concepção, deveríamos falar não tanto de espiritualidade, mas **de viver e seguir o Espírito**. Somos habitados por Ele; somos conduzidos por Ele.

No entanto, essa´vida no Espírito´ não é uma experiência meramente subjetiva nem intimista. A experiência fundante do cristianismo é **uma experiência encarnada**. A vida, paixão, morte e ressurreição de Jesus é uma experiência concreta, historicamente situada, que não se entende a não ser no marco da cultura na qual se deu. A Revelação nos veio em linguagem humana, de sabor palestino, com os gêneros literários próprios do tempo, no interior de uma compreensão profético-apocalítica da história, em um aqui e agora específicos. A Encarnação á parte constitutiva da Revelação, a clave a partir da qual se deve ler a partitura do que segue na vida de Jesus. Um Deus-Homem e, além disso, crucificado, é´um escândalo para os judeus, loucura para os gentios´ (1 Cor 1,23). É a originalidade do cristianismo na história das religiões.

Ao mesmo tempo, é **uma experiência apostólica, missionária.** Não pode não ser comunicada. ´Ai de mim se não evangelizar!´ Paulo diz em 1 Cor 9,16. A comunicação forma parte constitutiva da experiência. E essa comunicação é narrativa. É o caso das parábolas: Jesus fala do Reino por meio de parábolas. A primeira Igreja verá em Jesus a expressão do Reino que ele pregou. A vida, paixão, morte e ressurreição de Jesus se tornam o centro do querigma. Jesus é, segundo definição de Weinrich, o ´narrador narrado´. Jesus conta histórias para nos falar do reino, não faz especulação metafísica ou elaboração teológica. Uma conversão não pode ser explicada, tem ser narrada. Além disso, a Revelação foi narrada por várias testemunhas: pelo menos por quatro evangelistas, que se dirigem cada um ao seu próprio público. É o ´evangelho quádruplo´.

As experiências fundantes produzem **textos clássicos**, ou seja, comportam uma fecundidade que torna possível ainda hoje e, para diferentes culturas, continuam confirmando o Espírito como oferta de salvação. A Revelação é a grande ´experiência fundante´ da Igreja, da qual bebem todas as outras, sejam experiências pessoais ou coletivas.

Em resumo: a raiz de toda espiritualidade é uma experiência fundante de encontro com Deus por meio de Jesus. Assim o viveu a primeira comunidade cristã que é o nosso referencial principal e, além disso, o elemento comum a Inácio e ao P. Vélaz. Este falará da espiritualidade como ´a vivência da força de Deus´ que ´desperta e desenvolve em homens e mulheres a consciência de sujeitos´(*Educação e promoção social comunitária* 37º. Congresso Internacional, 2006). Por isso, em Fé e Alegria identidade e espiritualidade se exigem mutuamente e vêm a ser como as duas caras de uma mesma moeda, *´até o ponto em que poderíamos afirmar que a identidade de Fé e Alegria é uma identidade espiritual, ou que a espiritualidade é a raiz da nossa identidade´*(DB, 4).

II. ESPIRITUALIDADE INACIANA

O que chamamos **espiritualidade inaciana** tem sua origem na experiência de Deus na vida de Íñigo López de Recalde, desde a sua conversão em Loyola até o final de sua vida em Roma. Quando a experiência de conversão se cristaliza, Inácio passa a se chamar ´**o peregrino**´, auto denominação que conservará mesmo em seu escritório, em Roma. É peregrino eterno. Homem de busca permanente da vontade de Deus. Por isso, a espiritualidade inaciana não se resume a um momento determinado, apesar de que na vida de Inácio existam momentos particularmente significativos (Loyola, Manresa, La Storta). É o conjunto do itinerário o que revela sua espiritualidade, seu modo de seguir ao Espírito. Neste sentido, convém esclarecer logo de entrada que a espiritualidade inaciana não equivale à espiritualidade jesuíta, ou da Companhia de Jesus, que remete a um momento particular da vida de Inácio.

Esse ´peregrinar´se expressa em seus **escritos**. Inácio não é um escritor especializado, mas escreve. Seus escritos são ´notas´ (por exemplo, os Exercícios Espirituais, o Diário Espiritual) ou textos jurídicos (as Constituições) ou uma série de recordações relatadas a outro (a Autobiografia). Para explorar mais profundamente a espiritualidade inaciana deve-se recorrer aos seus escritos mais pessoais e, em particular, aos Exercícios. Os Exercícios Espirituais revelam o Inácio peregrino, sempre em busca do ´magis´, em **três aspectos**: na sua redação, em seus resultados, no processo que planeja neles para o que se persegue: uma experiência fundante de Deus.

Na **redação**: ia trabalhando e retrabalhando-os, constantemente. Há ´exercícios´ que correspondem a Manresa *(Reino, Duas Bandeiras*; também o *Exame* e as *Regras de Discernimento da Primeira Semana)* e outros que se consolidam em Paris *(Três Binários, Três Modos de Humildade*, *a Contemplação para alcançar o Amor)* e em Roma *(Regras de Discernimento da Segunda Semana*, de *Escrúpulos* e a organização definitiva das *Regras para sentir com a Igreja)*. Como sabemos, há diferentes versões do mesmo texto que correspondem também a épocas diferentes. Conforme dá os Exercícios a outros, ele mesmo vai agregando notas e observações a partir da experiência. São Exercícios inacabados porque a experiência de Deus supera toda a estrutura e porque a resposta humana é muito diversa.

Em **seus resultados**, porque os Exercícios estão orientados a mobilizar a pessoa de forma radical. A frequência anual dos Exercícios tem o perigo de convertê-los em rotina e, portanto, na maior inimiga da experiência de Deus. A rotina torna previsível e até programável a ação de Deus em nós. Os Exercícios são todo o contrário: o P. Kolvenbach os chamava de ´um benéfico terremoto interior´. Estão pensados em clave de um encontro ´imediato´ do Criador com a criatura (EE. 15) que, para Inácio, deveria levar a tomar decisões importantes em sua vida. A espiritualidade inaciana é uma **espiritualidade de eleição**, seja de estado de vida, seja de estilo de vida. Se não há mobilização, crise, decisões ´contra a carne´, deve-se duvidar se estamos fazendo ou se fizemos os Exercícios.

No **próprio processo:** as ´Semanas´ são etapas que o exercitante deve percorrer nessa peregrinação que leva a um único santuário: a comunhão com Deus, mediada pela pessoa de Jesus. Daí a permanente petição da Segunda Semana: conhecer-te, para mais amar-te e servir-te. Os Exercícios levam à identificação com Jesus, que se inicia já na Primeira Semana: o que faço por Cristo, o que fiz por Cristo, o que farei por Cristo. Continua durante todas as contemplações da Segunda Semana. Identifica-se com o crucificado na Terceira e com o ressuscitado na Quarta. Nesse processo, aconteceu **uma transformação**: no Princípio e Fundamento, se nos pedia indiferença; na Contemplação para alcançar o Amor, há um novo olhar sobre o real, o olhar de Jesus, a partir de quem

´tudo é graça´. As contemplações são a linguagem do acompanhamento em Inácio, bem como as parábolas o eram do Reino em Jesus.

A espiritualidade inaciana é verificada na prática por meio de um ´**modo de proceder**´. O Modo de Proceder é o ´conjunto de atitudes, valores e padrões de conduta´ que definem um estilo de vida. Espera-se que tenham assimilado de tal forma que a reação espontânea seja a que corresponde ao tal Modo de Proceder. Esse Modo de Proceder não se improvisa, deve ser educado, formado, por meio de muitas experiências, ao longo de um período de tempo mais longo e com o apoio de estruturas de acompanhamento que possibilitem sua assimilação. A experiência espiritual deve ser verificada (tornar-se verdade) no dia a dia, nas situações mais simples e rotineiras e, por conseguinte, mais significativas. Por isso, para Inácio, o homem espiritual não era o que fazia mais orações, mas aquele mais abnegado, capaz de deixar o próprio amor, querer e interesse até o santuário dos demais. A 34ª. Congregação Geral definiu em oito notas o atual modo de proceder do jesuíta: profundo amor pessoal a Jesus Cristo, contemplativo na ação, um corpo apostólico na Igreja, em solidariedade com os mais necessitados, companheirismo com outros, chamados a um ministério instruído, homens enviados sempre disponíveis para novas missões e sempre em busca do ´magis´ (Decreto n.26).

Desejo concluir este tópico sobre a espiritualidade inaciana com um texto do P. Nadal sobre Inácio de Loyola que expressa, ao que me parece, com claridade este ´Modo de Proceder´ próprio do fundador e que é oferecido a todos, jesuítas ou não, que abraçam esta espiritualidade do peregrino. Diz Nadal *´com humildade singular, s**eguia o Espírito**, não se lhe adiantava. E desta forma era conduzido suavemente aonde não sabia; contudo, pouco a pouco se abria um caminho e ele ia percorrendo, sabiamente ignorante, com seu coração confiadamente posto em Cristo´*. (MHSI, FN II, p 252 ´Dialogi pro Societate´, cap. II, n.17).

III. A ESPIRITUALIDADE INACIANA ILUMINA A ESPIRITUALIDADE DE FÉ E ALEGRIA

De que modo a espiritualidade inaciana ilumina a de Fé e Alegria? Haveria diversas formas de abordar esta pergunta: comparar os traços do Modo de Proceder inaciano (com base no P. Arrupe ou no Decreto n. 26 da 34ª. Congregação Geral, por exemplo) e aplicá-lo a Fé e Alegria, ou elaborar uma nova listagem de características a partir dos que já indica, e bem, o DB. Senti-me inclinado a continuar o caminho do que se entende por ´espiritualidade´ neste enfoque e explorar em ambas, a espiritualidade inaciana e a de Fé e Alegria, alguns pontos em comum.

A força da experiência fundante

Inácio de Loyola e José María Vélaz não se entendem sem esse encontro profundo e ´imediato´ com o seu Criador e Senhor. Igualmente, suas obras (a Companhia ou Fé e Alegria) não se entendem sem esta referência fundamental. *´Sem o misticismo, sem audácia e sem generosidade... o caminho de Fé e Alegria teria sido uma quimera inerte´*, de acordo com Vélaz. A mística que, para Teresa de Jesus, define os ´amigos fortes de Deus´. Essa experiência fundante não é tangível, mas isso não significa que seja meramente íntima. Quando é autêntica é captada por meio dos frutos que ela oferece (elemento objetivo) e da personalidade de quem a leva (elemento subjetivo). O primeiro ponto a afirmar é que sem essa experiência fundante nada pode ser explicado.

Há um texto do Papa Bento XVI em sua Alocução inicial à 5ª. Conferência do CELAM no qual usa termos parecidos: Deus é *´a realidade fundante*, *não um Deus apenas pensado ou hipotético, mas o Deus de face humana: é o Deus conosco, o Deus do amor até a cruz.Quando o discípulo chega à compreensão deste amor de Cristo até o extremo, não pode deixar de responder a esse amor se não for com um amor semelhante: seguir-te-ei aonde quer que fores*(Lc 9,57)´.

A primazia do fundador, como primeira testemunha

A experiência fundante transforma em ´testemunhas´ os que a experimentam. Os primeiros discípulos foram atores surpreendidos, incrédulos, temerosos da ressurreição de Jesus. A força da experiência pode mais que tudo e supera o medo e a incredulidade. Ela os torna testemunhas.

É chave a figura do fundador. É a ´primeira testemunha´, a ´testemunha privilegiada´ que sabe ´aonde vai e para quê´. Por isso, Nadal pode dizer que *´a forma da Companhia está na vida de Inácio´, ´Deus o colocou para nós como um exemplo vivo do nosso modo de proceder´*. E, por sua vez, outro dos primeiros companheiros, o P. Câmara, dirá ter notado*´como o Pai observava com exatidão todas as regras dos Exercícios em todo o seu modo de proceder, de modo que parece que primeiro as plantou em sua alma...´*(Memorial 226).

Não se pode desvincular a espiritualidade de Fé e Alegria daquela que animou o seu fundador. Como diz o DB, Vélaz*´nutriu sua fé e o seu compromisso no manancial da espiritualidade inaciana e herdou a tenacidade e a garra dos grandes missionários jesuítas. Entrou precisamente na Companhia de Jesus com a ideia de continuar com a gesta heróica de Francisco Xavier como missionário na China. Seus superiores mudaram a sua destinação e o enviaram para a Venezuela´*(cfr. DB 6). No entanto, a espiritualidade que anima Vélaz não é só uma repetição da de Inácio ou da dos primeiros companheiros.

Nela, cada um ou cada uma pode crescer ao máximo de suas possibilidades e talentos; é ´magis´ também nesse sentido. Por isso, pode produzir grandes figuras que confirmarão sua vigência. A espiritualidade inaciana, nascida no contexto do humanismo e nos começos da modernidade, conseguirá uma relação particular entre a formação do sujeito e a afirmação do corpo apostólico. Por isso, dentro dela, surgirão personalidades, muito diferentes entre si e, ao mesmo tempo, capazes de referir-se ao mesmo espírito, o dos Exercícios.

A referência cristológica fundamental

Para Inácio, Cristo é tudo. Após sua conversão, sua primeira ideia foi peregrinar até a Terra Santa e, se possível, permanecer ali. Seus Exercícios Espirituais terão no seguimento de Jesus, seu *leitmotiv* fundamental: ´conhecer o Senhor para ainda mais amá-lo e segui-lo (ou servi-lo)´ é a graça a ser pedida durante toda a Segunda Semana. Na Terceira e Quarta Semanas, pede-se a identificação com Cristo na cruz e na ressurreição. Essa mesma experiência vai estar presente em La Storta quando Inácio´vê´ Cristo com sua cruz às costas dizendo: ´eu te serei propício em Roma´. Inácio e os primeiros companheiros espontaneamente entenderão que isso vai significar perseguições, dificuldades, contrariedades.

Para Vélaz, bem como para muitos cristãos na América Latina, especialmente a partir de Medellín e Puebla, o rosto de Cristo terá um rosto de pobre: *´como educadores e educadoras cristãos pensamos humildemente que nossa missão é descobrir Cristo em todos os homens, sobretudo nos mais humilhados, cooperar para que a imagem do Senhor resplandeça em cada coração onde Ele a colocou. Saber vê-Lo em cada pequenino, em cada faminto, em cada ignorante, em cada marginalizado, pois em todos eles está escondido como em sacrários vivos; resgatá-los da obscuridade e do esquecimento, atraí-los à irmandade com o Salvador e conseguir que cada aluno de Fé e Alegria se sinta feliz por ser aluno de Deus e o que é mais, seu Filho Adotivo´*(Vélaz, em *Fé e Alegria: características principais e instrumentos de ação,* 1981, citado no início do Documento Base).

Bento XVI completará esta ideia em seu discurso na 5ª. Conferência do CELAM: *´Neste sentido, a opção preferencial pelos pobres está implícita na fé cristã, naquele Deus que se fez pobre por nós, para nos enriquecer com a sua pobreza* (cfr. 2 Cor 8, 9)´. Esse mesmo pensamento o expressará em seguida, na 35ª. Congregação Geral, dia 21 de fevereiro de 2008, acrescentando: *´daí resulta natural que quem quer ser verdadeiro companheiro de Jesus compartilhe realmente o amor aos pobres. Nossa opção pelo Evangelho não é ideológica, mas nasce do próprio Evangelho ´*(n° 8). Uma formulação que, portanto, lembra bem o dito pela Teologia da Libertação desde os seus inícios.

Desta forma, a referência cristológica é também referência ao excluído, ao marginalizado. Tanto para Inácio como para Vélaz o amor a Cristo nos leva aos pobres, aos crucificados da história. Então, a espiritualidade não está no ar; tem um lugar, um ´a partir de onde´ que a especifica: os pobres.

Espiritualidade em tensão, ao mesmo tempo encarnada e universal

A espiritualidade de Vélaz, assim como a de Inácio, é uma espiritualidade encarnada e universal. Inácio foi um homem de visão global e com os pés no chão. Sabe viver a pressão entre o universal e o particular. Assim o expressa, por exemplo, na *Contemplação da Encarnação* [EE. 103]. Nela, Inácio pede ao exercitante que contemple *´a grande capacidade e redondeza do mundo, onde existem tantas e diversas pessoas ´*para passar a explicar então esta diversidade: em trajes e em gestos, em raças, em ações, em paixões, em situações de saúde [EE. 106]. A amplitude da visão não é apenas geográfica, é também humana.

Ao mesmo tempo, sua atenção é local: contemplar não apenas a ´grande capacidade´, mas *´particularmente a casa e os aposentos de Nossa Senhora, na cidade de Nazaré, na província de Galileia´*. Insistência no particular, que vai crescendo em extensão desde a casa até à província. A amplidão do mundo e a pequenez dos aposentos encontram-se na mesma composição de lugar´. O ´lugar´ é, então, glo-cal.

Outro homem de visão, Pedro Arrupe, o diz desta maneira: *´No meu quarto tenho uma fotografia da terra tirada durante um vôo espacial. Eu a ganhei do astronauta Lowell. Tem uma incrível nitidez de contornos e me lembra muitas vezes que precisamos de ambas as coisas. Necessitamos de uma visão clara dos problemas locais e igualmente enquadrar os nossos problemas em uma visão universal. Estou convencido de que só esta visão tem realmente futuro´*(Tréveris 1970).

Fé e Alegria, ao estender-se à África, está realizando os sonhos de Vélaz muitos anos depois.

Uma espiritualidade apostólica orientada à missão

Vélaz recebeu de Inácio a inspiração fundamental que pode reduzir-se a poucas palavras: ´ajudar as almas´. Em seu processo de conversão, Inácio dá um giro copernicano quando descobre que o que Deus lhe pede-se concentra neste ponto. A partir daí, deixa de lado uma série de hábitos ascéticos que havia assumido na primeira etapa de sua conversão para buscar os melhores meios para ajudar os demais. Posteriormente, Inácio encontrará no Evangelho e particularmente no modo como Jesus envia os apóstolos, a forma de vida religiosa que conduzirá os primeiros companheiros a viver ´do modo apostólico`.

A ideia é um apostolado que seja, em si, uma expressão de missão, isto é, de continuar no modo de ser da Companhia, aquela missão do Pai para o Filho: a redenção dos homens.

A espiritualidade apostólica é todo o contrário deste conceito diminuído no qual temos convertido a missão. Ela não se identifica com o fazer, com tarefas, destinação do Provincial ou com agendas apertadas. A missão, na espiritualidade inaciana, está conectada com a missão que o Filho recebe do Pai: a redenção humana. Por isso, nos Exercícios, as três pessoas divinas determinam e enviam o Filho ao mundo. A espiritualidade inaciana só se entende no fato de participar do mesmo envio. Por isso, é trinitária: continua hoje a missão do Filho. E isso deve definir tudo: o estilo de vida, a seleção de ministérios, a atuação apostólica, a vida comunitária, o sentir com a Igreja. Para Inácio, bem como para os primeiros companheiros, a ação apostólica era integrada na vida da Trindade. É o que Inácio nos deixa em seu *Diário Espiritual.*

Vélaz faz parte de uma geração que viveu este ideal de modo especial no conceito tradicional de missão. O texto fala de uma ´visão apostólica´ para explicar o nascimento de Fé e Alegria. Esta*´não nasceu como fruto de um planejamento prévio (ou ´de um planejamento de escritório, nem da confiança em cheques bem fornidos´*, como diria o P. Vélaz), mas foi a resposta natural de ´uma visão apostólica, movida pela compaixão cristã, a uma realidade marcada pela miséria, a injustiça e a exclusão´ (DB 6). É a visão da Trindade que, na Contemplação da Encarnação, observa o mundo e ´decide´, ou seja, escolhe trabalhar na salvação. Essa visão apostólica não está em conflito com o planejamento. Hoje, sabemos que o planejamento é um elemento constitutivo da gestão responsável da ação apostólica. Para isto, a 35ª. Congregação Geral pede às Conferências de Provinciais que levem adiante o planejamento interprovincial. Igualmente, estamos convencidos de que esse planejamento não pode ser ´de escritório´ ou com a confiança em ´cheques fornidos´, como bem diz Vélaz, mas que de uma ´visão apostólica´, nascida na *Contemplação da Encarnação*, estaremos mais aptos para captar a presença ou ausência de Deus nesta história e, segundo isso, levar adiante uma ´missão de esperança´ (35ª. Congregação Geral, Decreto n.2, nn.7-8). O planejamento responsável hoje é a imagem eficaz da esperança.

Espiritualidade de fronteira e, consequentemente, de discernimento

Paulo VI expressou como poucos a vida apostólica da Companhia no seu discurso para a 32ª. Congregação Geral, em 1974: *´onde quer que na Igreja, inclusive nos campos mais difíceis e de primeira linha, nos cruzamentos de ideologias, nas trincheiras sociais, houve ou há confronto entre as exigências necessárias do homem e a permanente mensagem do Evangelho, ali estiveram e estão os jesuítas´*. A 35ª. Congregação Geral utilizou a imagem das ´fronteiras´ para se referir hoje a estas encruzilhadas entre a fé e o saber humano, a fé e a ciência moderna, a fé e o compromisso com a justiça.

Estas fronteiras não são só desafios. Nosso Projeto Apostólico Comum (CPAL, *Corresponsáveis na missão. Projeto Apostólico Comum* 2011-2020) fala das fronteiras como *´dinamismos complexos e profundos nos quais se define de uma ou outra maneira o futuro dos povos e da condição humana em geral. Perguntar-nos pelas novas fronteiras apostólicas pertence à essência desta nossa vocação...´* (n.15). As fronteiras não são meros desafios, ainda que ao identificá-las somos chamados a adentrar ainda mais nelas. Há fronteiras que nos colocam em situações limite da humanidade ou da Igreja e reclamam presenças arriscadas e proféticas. É o que aconteceu, por exemplo, com os *´boatpeople´* que deu origem ao SJR (Serviço Jesuíta aos Refugiados) ou a reflexão teológica atual que tenta incorporar o conhecimento científico atual nas diferentes áreas do saber.

Mas há fronteiras à primeira vista tradicionais, como a educação, por exemplo, que exigem discernimento para descobrir como encarar atualmente aquelas ´tensões e crescentes paradoxos´de que a 35ª. Congregação Geral nos fala. Por exemplo: contamos com os melhores meios de comunicação, mas experimentamos muitas vezes a solidão e a exclusão, isto no que se refere à educação.

A opção pela educação (e, particularmente, pelos colégios) como sabemos foi posterior na seleção de ministérios da Companhia. No entanto, quando começou, foi a fundo até hoje. Fé e Alegria nasce no interior desta opção, mas a sua pretensão a renova de tal modo que nos permite abordar melhor outros paradoxos: educação de qualidade e cobertura em massa; gestão privada de recursos públicos; mística e profissionalismo.

Tudo isso não se faz sem discernimento. O discernimento é essencial na vida cristã, não apenas na espiritualidade inaciana. O que esta faz é converter a oração de discernimento na clave de uma vida de oração. Por isso, na espiritualidade inaciana nem toda oração é igualmente válida. Ser ´contemplativos na ação´supõe uma interiorização da pessoa de Cristo de tal modo que, com os critérios adquiridos na oração cotidiana, nos seja possível discernir em cada momento, quase de modo espontâneo o que é e o que não é de Deus. Santo Alberto Hurtado diria: como Cristo agiria se estivesse no meu lugar? É uma oração na ação, que para Nadal acontece ´como em um círculo´: a ação leva à oração e esta por sua vez a uma ação mais cristãmente qualificada. Oração de discernimento, oração prática. Diz Nadal: *´Inácio se esforçou por instruir a Companhia de que sua oração não deve ser especulativa, mas prática´* (2ª Prática de Alcalá, n.9. FN I, 193).

Benjamín González Buelta diz que, na educação, o discernimento é essencial por dois motivos: para ver com clareza o dom de cada pessoa e para discernir os sinais dos tempos. Haveria que agregar também, para identificar as ´fronteiras na educação´ (*Onde acaba o asfalto,* 60). Acredito entender, pelo que conheço

de Fé e Alegria, que os Congressos costumam ser um dos espaços mais adequados para isso.

Uma espiritualidade pascal de consolação

Joseba Lazcano diz do P. Vélaz que ele era um ´contemplativo-ativo na consolação´ (*em A espiritualidade de Fé e Alegria*) E o mesmo Vélaz explicando o nome do movimento assinala *´Não por acaso nosso primeiro título de identidade é fé: Fé e Alegria mas fé primeiro, como razão e manancial de nossa alegria´* (P. José María Vélaz: O caminho realizado e a tarefa futura, 1980).

Gustavo Gutiérrez, de quem se disse que sua teologia é, antes de tudo, uma teologia espiritual, pode colocar: *´Uma alegria não fácil, mas real. Não é a alegria superficial da inconsciência ou da resignação, mas a que nasce da esperança de que o mau trato e o sofrimento serão vencidos. Uma alegria pascal que corresponde a um tempo de martírio. A linguagem do sangue derramado acaba transmitindo 'uma mensagem de consolo e esperança' como dizia Mons. Romero´.*

Para Inácio, é próprio do Cristo Ressuscitado na Quarta Semana o ´ofício de consolar´. E a consolação não é um estado eventual de quem experimentou a Ressurreição, mas o que define quem ressuscitou com Cristo. É o estado habitual do cristão, que se sente também habitado pelo Espírito de consolação que vem de Deus. *´Estejam sempre alegres no Senhor; repito novamente, estejam alegres´* diz Paulo em Filipenses 4,4.

Este é o espaço da Virgem, de quem tanto Vélaz como Abraham Reyes eram profundamente devotos. *´Sinto Fé e Alegria como uma obra da Virgem´dirá este último. ´Santo Inácio associa estreitamente Maria com o caminho de Nosso Senhor. Esta união não se realiza imediatamente com a divindade, mas se verifica, de acordo com as mesmas palavras de Santo Inácio, 'pelos verdadeiros e santíssimos efeitos da 'santa ressurreição na qual Nosso Senhor se apresenta* [223]. *Estes efeitos são o gozo da fé no ressuscitado e a consolação, que consiste precisamente em um 'aumento de esperança, de fé e de caridade ´*[316] *em Nossa Senhora. Este é o sentido da Quarta Semana, de que Nossa Senhora é o protótipo e o ícone para todos aqueles com quem o Senhor exercita o 'trabalho de consolar* [224] *introduzindo-os na sua grande Páscoa´(*P. P-H Kolvenbach*, A Páscoa de Nossa Senhora,* CIS, 1987).

Uma espiritualidade convocadora e fecunda, de colaboração.

Um dos frutos desta Quarta Semana dos Exercícios Inacianos é a criatividade, a generatividade. Neste momento dos Exercícios, Inácio nos convida a criar nossas próprias formas de orar, nossas ´aparições´como ele mesmo criou a da Virgem. A espiritualidade inaciana é fecunda, com muito fruto, algo que Vélaz também aprendeu desde o início.

Mas é também uma espiritualidade de convocação. Desde o Inácio leigo e logo depois, já como fundador da Companhia, Inácio se rodeou de colaboradores para as muitas tarefas apostólicas que tinha em mente.

Fecundidade e convocação se expressam nas muitas congregações femininas que surgiram a partir de uma espiritualidade eminentemente apostólica, enraizada nos Exercícios. Esta raiz comum pode explicar que tenham se sentido convocadas e co-participantes deste projeto de Fé e Alegria. Vélaz dizia que o movimento não se entende sem elas. E é verdade. Como é verdade, também, que para muitas congregações femininas, a proposta de Fé e Alegria foi a oportunidade de se aproximarem mais dos pobres e das fontes de própria congregação.

Neste contexto, é interessante que a 35ª. Congregação Geral mencione explicitamente Fé e Alegria no Decreto n.6 que trata precisamente da *´Colaboração no coração da missão´* e que conclui dizendo que *´a colaboração é uma graça que nos presenteia neste momento em perfeita coerência com o nosso modo jesuíta de proceder´*. Fé e Alegria é mencionada como uma rede, obra da Companhia, que pretende como outras redes (SJR, a Rede Africana contra a AIDS) buscar as sinergias próprias de um corpo universal. Em todos estes trabalhos *´o bem que se consegue se multiplica graças à participação da Companhia em colaboração com grupos diversos unidos em uma missão comum´* (Decreto n.6, n° 22).

Estamos convencidos, com o P. Kolvenbach, que ainda não aproveitamos todo o potencial que supõe sermos organizações interprovinciais, supranacionais e, além disso, irmanadas pelo mesmo espírito, o dos Exercícios. Neste sentido, existe muita estrada a ser compartilhada pela frente para poder responder à altura dos desafios atuais.

A modo de conclusão: Experimentar e comunicar a vida de Deus

O contexto em que hoje se deve viver o cristianismo mudou radicalmente desde os tempos de Inácio e inclusive de Vélaz. Suas linhas principais são esboçadas na segunda parte do DB. A globalização pós-moderna e pós-cristã não se dá apenas nos países desenvolvidos, mas bate às nossas portas através dos muitos meios que tem ao seu alcance. Uma visão em seu conjunto (ou seja, incluindo os já sete bilhões de habitantes deste planeta, de acordo com informação recente), é uma globalização desumana. Para alguns, inclusive pós-humana, na medida em que uma boa parte da humanidade hoje é, de fato, descartável. Basta ver, em uma análise comparativa, a atenção oferecida nestes dias pelos noticiários sobre a crise do euro e a fome no chifre da África. Como bem diz Vivian Forrester *´descobrimos que existia algo muito pior que ser explorado: não ser explorável´* (citado em DB, 28).

Na América Latina, além disso, estas mudanças têm também consequências na vivência do religioso. O cristão latino-americano não o será mais por tradição, mas por convicção. Já o haviam considerado outros autores: André Malraux anunciou que ´o século XXI será um século espiritual´, ao que Karl Rahner matizou expressando que ´o cristão do futuro será místico ou não o será´ levantando a alternativa, mas sem descartar a dúvida. Mística faz referência, neste contexto, ao que vimos chamando de experiência fundante e que, portanto, longe de ir às nuvens está muito atenta à realidade. É a mística de ´olhos abertos ´, na expressão de J. B. Metz que nos permite entrar no interior de nós mesmos e da realidade, mas que, ao mesmo tempo, nos remete ao ambiente dos acontecimentos.

Este é o desafio para todas as nossas instituições, não apenas para Fé e Alegria. Como tornar possíveis estas experiências fundantes hoje? Trata-se de um tema somente da pastoral ou de toda a comunidade educativa? Até que ponto a identidade e a missão de nossas instituições comunicam a vida de Deus nas sociedades onde nos encontramos de modo que seja marcante para as ´testemunhas´? Como combinar a mística e o profissionalismo que requer toda instituição?

A 35ª. Congregação Geral, após recordar a ´experiência fundante´ da espiritualidade inaciana, faz várias abordagem que vinculam esta experiência com a educação. Quero terminar com eles, na convicção de que a espiritualidade inaciana pode continuar sendo forjadora de cristãos e cristãs como foram Inácio ou Vélaz. Assim o colocam os decretos da 35ª. Congregação Geral quando aparecem em referência à educação:

a) *Naquilo que fazemos no mundo, tem de haver uma ´transparência´para Deus. Nossas vidas devem provocar esta pergunta: Quem és tu que fazes estas coisas e que as fazes desta maneira?...Temos de comunicar este olhar e oferecer uma pedagogia, inspirada pelos Exercícios Espirituais que arraste outras pessoas - especialmente os jovens.´* (Decreto n.2, n.10);
b) *O modo de agir do Filho constitui o modelo do nosso modo de agir no serviço de Sua missão...Isso exige, muitas vezes, um compromisso a longo prazo...na educação da juventude...* (Decreto n.2, n.14 e n.13).
c) *Temos de discernir cuidadosamente o modo como trabalhamos na educação e na pastoral, especialmente com os jovens, numa cultura pós-moderna* (Decreto n.3, n.23).
d) *A complexidade dos problemas que enfrentamos... pede que construamos pontes entre ricos e pobres, estabelecendo vínculos no terreno da incidência política [advocacy]´...muitas instituições educativas já estão envolvidas nesta tarefa´* (Decreto n.3, n.28).